

CICLO DE ENTREVISTAS A GRANDES PERSONALIDADES DE LA EDUCACIÓN, LAS CIENCIAS SOCIALES Y EL PENSAMIENTO CRÍTICO

Entrevista com **María Teresa Mantoan** sobre dilemas e desafios da **Educação Inclusiva** nos primeiros anos do século **XXI**¹

Dra. Maria Teresa Mantoan entrevistada por **Dr. Aldo Ocampo González**²

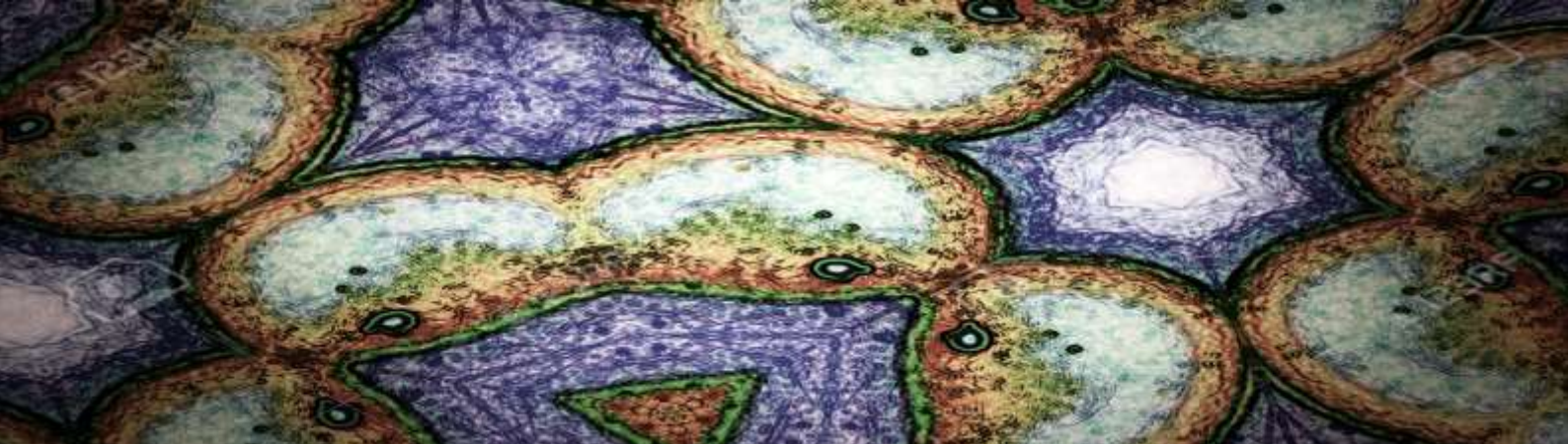
Resumo

A entrevista com a Dra. **María Teresa Mantoan Eglér**, Prêmio Nacional de Educação do Brasil e especialista internacional em educação e diferença, abordou alguns dos eixos mais significativos e críticos sobre os quais o significado e alcance da Educação Inclusiva transformadora (Ocampo, 2017). Em primeiro lugar, são analisados os desafios e inconsistências mais importantes enfrentados

¹ Este trabajo corresponde al ciclo de entrevistas preparadas por el autor en el marco inaugural de la sección “Entrevistas a grandes personalidades de la Educación, las Ciencias Sociales y el Pensamiento Crítico” del Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva (CELEI).

La entrevista fue publicada en noviembre de 2017 en el Vol. 1, Núm. 2 de Polyphonia. Revista de Educación Inclusiva (e-ISSN: 0719-7438), págs. 149-158. Para mayores consultas véase: <http://revista.celei.cl/index.php/PREI/article/view/149-158>

² Fundador y Director del Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva (CELEI). Académico del Programa de Magíster en Educación Inclusiva de la Univ. Santo Tomás, La Serena. Doctor en Ciencias de la Educación aprobado sobresaliente por unanimidad, mención “Cum Laude” (UGR, España), con la tesis: “*Epistemología de la Educación Inclusiva: un estudio sobre sus formas de construcción y fabricación del conocimiento*”. Profesor de Educación Básica, Licenciado en Educación, Magíster en Educación, mención Currículo y Evaluación, Magíster en Educación, mención Política Educativa, Máster en Lingüística Aplicada a la Enseñanza del Español como L2 (Univ. Jaén, España), Máster en Integración de Personas con Discapacidad (Univ. Salamanca, España), Post-titulado en Psicopedagogía e Inclusión, Posttitulado en Pedagogía Universitaria con Orientación en Enseñanza para la Comprensión, Diplomado en Estudios de Género y Diplomado en Investigación Social del Cuerpo y las Emociones (U. Chile). Ha sido académico de importantes universidades chilenas, autor de numerosas publicaciones en el campo de la Educación Inclusiva. Permanentemente imparte conferencias, conferencias magistrales y clases magistrales en congresos internacionales (España, México, Brasil, Ecuador, Colombia, Perú, Argentina, Chile, etc.) gracias a sus escritos, así como, capacita universidades extranjeras y docentes e imparte seminarios en sus principales líneas de investigación a nivel nacional e internacional. Actualmente cursa el doctorado en Filosofía en la UGR, España, donde escribe su tesis doctoral sobre Historia Intelectual y Conceptual de la Educación Inclusiva, en el Departamento de Filosofía II de la Universidad de Granada, España. Entre el período 2009-2018 ha publicado más de 80 artículos científicos entre ellos, artículos, entrevistas a destacadas personalidades de la educación y el pensamiento crítico –en inglés, español y portugués–, prólogos de libros, reseñas, capítulos de libros. Es autor de 4 libros. Ha impartido más de 35 conferencias, conferencias magistrales y clases magistrales en casi toda Iberoamérica, gracias a sus escritos. E-mail: aldo.ocampo@celei.cl



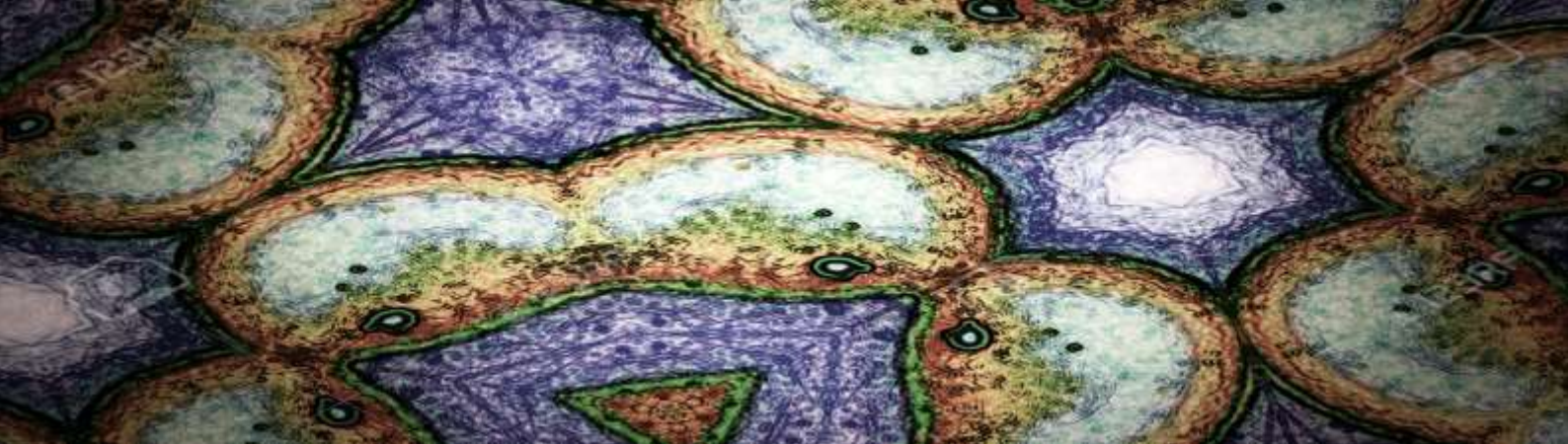
pela Educação Inclusiva, bem como os dispositivos ideológicos, políticos e pedagógicos que contribuem para a instalação de novas estratégias de homogeneização e produção de ficções - concebidas neste trabalho, como gadgets e não apenas, como mentiras destinadas a restringir o potencial de subversão da realidade. Em um segundo momento, a entrevista aborda as relações biopolíticas envolvidas no funcionamento das estruturas educacionais, bem como, no conjunto de recursos teóricos e metodológicos necessários à fratura e indisciplina da zona de abjeção, recorrentemente envolvidos na organização do campo de conhecimento pré-fabricado de inclusão. Embora, a visão fornecida pelo Dra. Mantoan seja relevante e pertinente para os tempos atuais, as questões críticas sobre a construção epistêmica e a abordagem da diferença continuam a ser horizontes teóricos e políticos que não podem ser claramente discernidos dentro das agendas de pesquisa deste campo, reafirmando desta forma, a necessidade de criar novos conhecimentos para entender essas e outras consequências teórico-práticas.

Palavras chaves: *inclusão, diversidade/diferença, epistemologia, ficções, totalidade.*

Resumen

La entrevista a la Dra. María Teresa Mantoan Eglér, Premio Nacional de Educación de Brasil y experta internacional en materia de educación y diferencia, abordó algunos de los ejes más significativos y críticos sobre los que tematizan el sentido y alcance de la *Educación Inclusiva transformadora* (Ocampo, 2017). En un primer momento, se analizan los desafíos e incongruencias más importantes que enfrenta a la Educación Inclusiva, así como, los dispositivos ideológicos, políticos y pedagógicos que contribuyen a la instalación de nuevas estrategias de homogenización y producción de ficciones –concebidas en este trabajo, como artilugios y no únicamente, como mentiras dirigidas a restringir el potencial de subversión de la realidad–. En un segundo momento, la entrevista aborda las relaciones biopolíticas implicadas en el funcionamiento de las estructuras educativas, así como, en el conjunto de recursos teóricos y metodológicos requeridos para fracturar e indisciplinar de la *zona de abyección*, recurrentemente implicada en la organización del campo de conocimiento pre-fabricado de la inclusión. Si bien, la visión aportada por la Dra. Mantoan es relevante y atinente para los tiempos actuales, las interrogantes críticas en relación a la construcción epistémica y al abordaje de la diferencia siguen siendo horizontes teóricos y políticos que no logran vislumbrarse con claridad al interior de las agendas de investigación de este campo, reafirmando de esta forma, la necesidad de crear nuevos saberes para comprender éstas y otras consecuencias teórico-práticas.

Palabras clave: *inclusión, diversidad/diferencia, epistemología, ficciones, totalidad.*



Dra. Maria Teresa Mantoan.



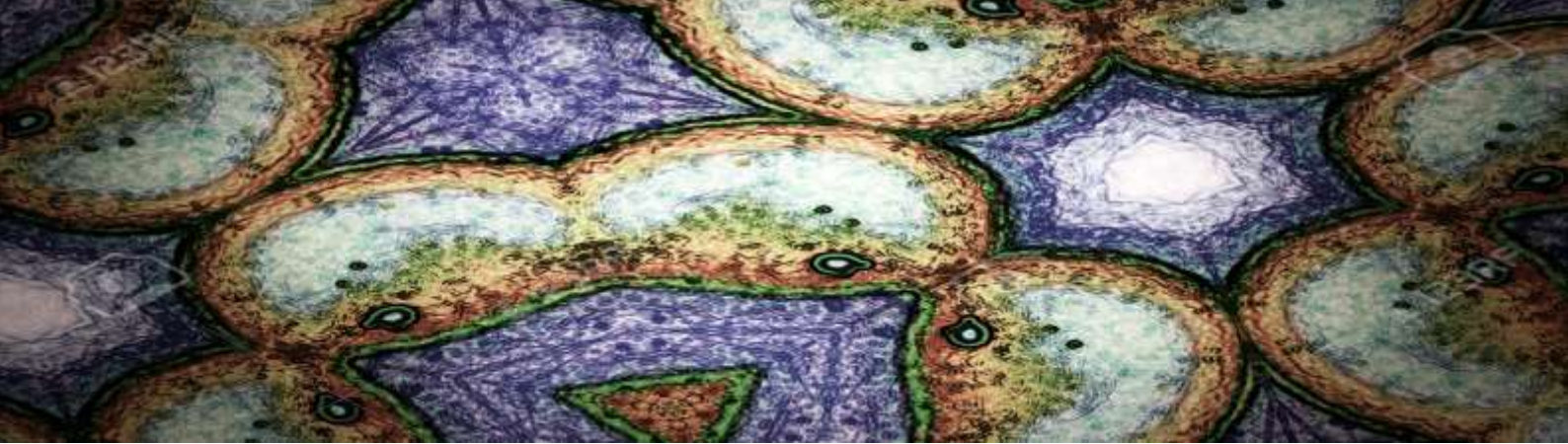
O resumo do seu Currículo na Plataforma Lattes, diz: “Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP BR. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Dedicou-se, nas áreas de pesquisa, docência e extensão ao direito incondicional de todos os alunos à educação escolar de nível básico e superior de ensino. Em 2010, recebeu por seus relevantes serviços à educação brasileira a medalha da Ordem Nacional da Educação, a mais alta condecoração outorgada pelo Governo aos que se distinguem nessa área.

*Para além dessa apresentação, a Professora Maria Teresa tem o mérito de compartilhar seus conhecimentos, desafios e reflexões sobre as práticas educacionais, mobilizando outros colegas, profissionais da área da educação e seus alunos a trabalhar pela nossa educação. Em uma palavra, ela faz questão de crescer e avançar no coletivo, articulando questões acadêmicas com as escolas, com o poder público, com os que se interessam e se dedicam ao ensino, em todos os seus níveis e modalidades. Nas muitas páginas de seu curriculum, entre as atividades, experiências educacionais, projetos de pesquisa, orientações e publicações de sua autoria destacam-se os livros que escreveu sozinha e como organizadora: *Compreendendo a deficiência intelectual - novos caminhos educacionais* (1987); *Ser ou estar, eis a questão - explicando o déficit intelectual* (2000); *Mobilidade, comunicação e educação - desafios à acessibilidade* (2000); *Caminhos pedagógicos da inclusão* (2001); *Pensando e fazendo educação de qualidade* (2002); *Inclusão escolar - o que é? Por que? Como fazer?* (2003); *Educação inclusiva - atendimento educacional especializado e deficiência mental* (2005); *Inclusão Escolar – pontos e contrapontos* (2006); *Atores da inclusão na universidade* (2006); *Atendimento educacional especializado: políticas públicas e gestão nos municípios* (2010).*

Produziu e produz com frequência artigos, capítulos de livros, prefácios. Sempre em defesa de uma escola para todos, nos últimos anos ela tem se dedicado a escrever textos, fascículos, vídeos, e-books, que estão sendo utilizados na formação continuada de professores do ensino básico, nas modalidades presencial e a distância.

É idealizadora e coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença - LEPED, grupo de pesquisa de vanguarda da Faculdade de Educação – UNICAMP, criado em 1996 e que se dedica à produção de conhecimento na área da educação escolar e formação de professores por meio de investigações temáticas, dissertações de mestrado, teses de doutorado, trabalhos de pós-doutoramento. No geral, as produções do LEPED têm como referência teórico-metodológica a filosofia da diferença deleuziana.

O acervo de trabalhos em nível de pós-graduação stricto sensu do LEPED, neste momento, é constituído de 15 Dissertações de Mestrado e 12 Teses de Doutorado e quatro Pós-doutoramentos já concluídos. Há ainda mais sete investigações em andamento, além dos inúmeros Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia que foram orientados pela Professora e pesquisas outras desenvolvidas por ela mesma.



Seus pés, corpo, a alma, são encharcados do chão da escola pública. Dada a sua vocação pelo ensino público, o legado de trabalho acadêmico da Professora Maria Teresa é voltado também para a área de extensão universitária. Propõe com frequência cursos de aperfeiçoamento, especialização, ministrados por meio da Escola de Extensão da UNICAMP. Tais cursos visam prioritariamente à transformação da atuação dos professores e dos processos de ensino e de aprendizagem, a fim de atender às exigências da escola inclusiva, da qual é ardorosa defensora.

O interesse e a dedicação ao estudo de novas linguagens e tecnologias da comunicação e informação constituem outros traços que marcam a atuação da Professora Maria Teresa na Universidade e fora dela. Associou-se ao Instituto de Computação da UNICAMP em 2004 e continua até então inovando a educação com seus projetos, que buscam e propiciam alternativas para o desenvolvimento da educação e do atendimento educacional especializado, serviço recentemente criado e oferecido pela educação especial, na perspectiva da educação inclusiva. A UNICAMP tornou-se pioneira no acesso, permanência e participação de todos os que nela estudam e trabalham graças a essa parceria entre alunos e professores dessas duas unidades de ensino da universidade, que somaram diferentes expertises acadêmicas para um mesmo fim: projeto TODOS NÓS – UNICAMP Acessível-www.todosnos.unicamp.br

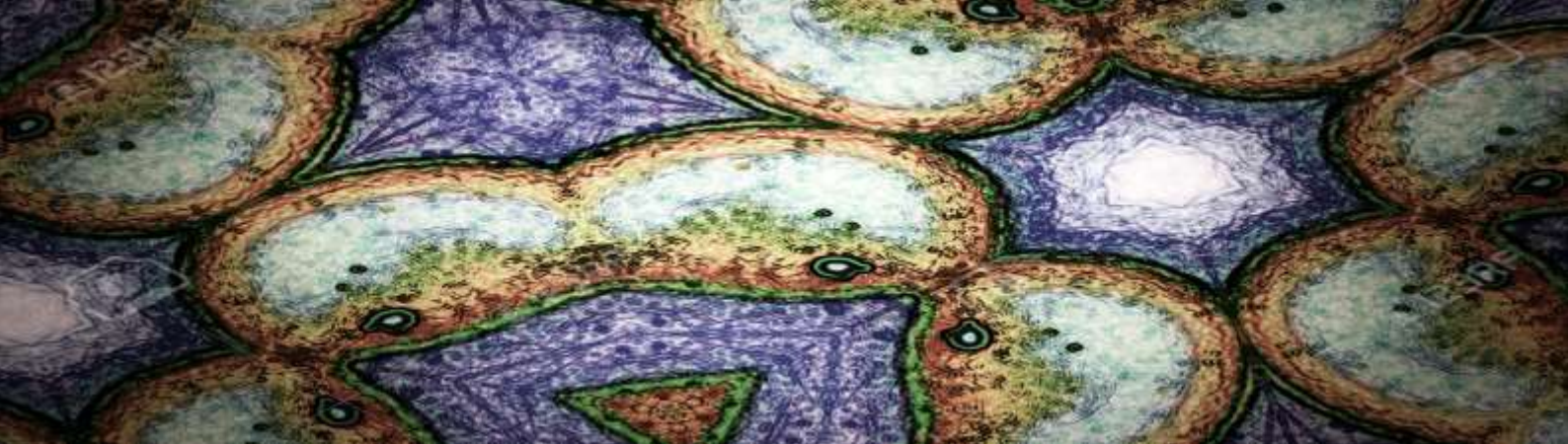
Em 2014, a Professora Maria Teresa fez parte da criação do sistema TODOS NÓS em REDE – rede social para formação autônoma de professores e interessados na inclusão escolar - tnr.nied.unicamp.br. Em torno dessa proposta inovadora reuniu seus alunos, professores de todos os estados do Brasil, profissionais do ensino comum e da educação especial, especialistas, pais, interessados no tema. Participa até então dessa rede, provocando os que dela participam a atuarem como protagonistas dessa formação.

Sendo uma das pioneiras no Brasil na luta incessante pela construção de sistemas educacionais inclusivos ela declara: “Empenho-me em favor da inclusão escolar, porque, em um dado momento de minha trajetória escolar, não pude mais conceber que a escola podia excluir alunos de suas turmas em função de uma dada deficiência ou qualquer outra diferença.” E diz com orgulho: “Fiz parte do grupo de trabalho que sistematizou, em 2007, a nova Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, e busco, no ensino comum e especial, o que pode contribuir para que a escola elimine barreiras que impedem os alunos de aprender, segundo suas capacidades, interesses.

Com sua experiência, conhecimento e sensibilidade, ninguém melhor do que ela para nos fazer entender os aspectos pedagógicos que sustentam uma escola inclusiva, subvertendo os velhos fundamentos de uma pedagogia excludente e elitista.

Para defender o seu mote: Todo aluno é diferente, mas numa coisa todos eles são iguais – têm direito à educação, em uma escola comum, sem quaisquer diferenciações que possam excluí-los, a Professora Mantoan, onsa, desafia e age com determinação e é uma professora radical, como muitos a chamam no bom ou no mau sentidos. Não faz concessões ou acordos que possam cercar o direito de todos à educação. Essa é uma das razões mais fortes, que emana do seu compromisso com a inclusão. Por isso mesmo, a Professora encanta e incomoda; é provocativa, contagiante, desperta a paixão por trazer o novo que arrebatava, liberta e expande os limites que cercavam as escolas, embora esteja convicta de que na maioria das vezes rema contra a maré educacional.

É um privilégio ter a Professora Maria Teresa na educação brasileira e como nossa professora e orientadora, pois ela nunca se deixa vencer pelo cansaço - está sempre acreditando, realizando, inventando e reinventando maneiras de fazer da escola um espaço onde as pessoas possam se sentir bem-vindas! É alguém muito especial, que acredita nas pessoas, na vida! Como refere em um de seus escritos: “Penso que sempre existe a possibilidade de as pessoas se transformarem, mudarem suas práticas de vida, enxergarem de outros ângulos o mesmo objeto/situação, conseguirem ultrapassar obstáculos que julgam intransponíveis, sentirem-se capazes de realizar o que tanto temiam, serem movidas por novas paixões... Essa transformação move o mundo, modifica-o, torna-o diferente, porque passamos a enxergá-lo e a vivê-lo de um outro modo, que vai atingi-lo concretamente e mudá-lo, ainda que aos poucos e parcialmente”.



Palavras e mais palavras, textos e mais textos não esgotam quem ela é, como pessoa, como profissional, pois são muitos os significados que podemos dar à sua experiência de vida e de professora. Seu perfil é e será sempre inconcluso.

Aldo Ocampo González (A.O.G.):

Boa tarde Dra. Mantoan, gostaria de agradecer o seu apoio e vontade de participar deste ciclo de entrevistas. Gostaria de começar com a seguinte pergunta:

¿Quais são as incongruências e os desafios mais importantes para a Educação Especial, à luz da educação inclusiva?

Maria Teresa Mantoan Eglér (M.T.M.E.): Obrigado Aldo por este convite. A Educação Especial, no Brasil, desde 2008, está se defrontando com uma política pública de educação inclusiva - Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008. Esta Política elimina as vantagens e o poder das associações para atendimento de pessoas com deficiência. Estas se aproveitavam do Estado, que encaminhava para essas associações os alunos da Educação Especial, utilizando o dinheiro das escolas comuns para essas entidades. Um grande desafio é combatê-las, assim como as classes especiais e escolas especiais públicas, que ainda resistem, embora estejam muito enfraquecidas. Tínhamos antes da Política de 2008 apenas 29% dos alunos da Educação Especial estudando em escolas comuns e hoje, 80% desses alunos estão incluídos em escolas comuns públicas e particulares.

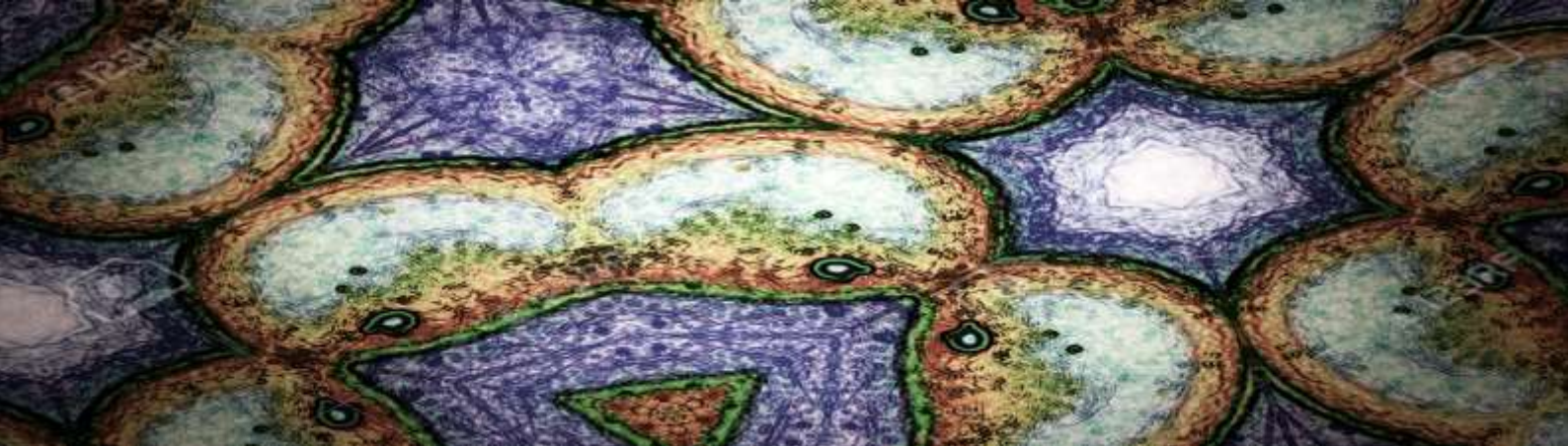
Outro desafio é a acomodação de professores comuns, que por quaisquer motivos encaminhavam alunos que não correspondiam a um padrão desejado para classes e escolas especiais. Eles resistem à inclusão de alunos da Educação Especial, afirmando que não têm formação para atender a esses alunos. Mas este não é mais um motivo forte, pois a Educação Especial tem um serviço específico para esse fim, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que apoia esses alunos sem excluí-los das turmas de alunos das escolas. O AEE estuda cada caso, identifica as barreiras que o impede de ter acesso, permanência e aproveitamento na sala de aula, mas não os atende do ponto de vista pedagógico, como ocorria antes, Esta é uma inovação trazida pela Política de 2008.

A.O.G.: *¿Que sentido propostas para inclusão incluem as mesmas estruturas educacionais e sociais que geram populações excedentes?*

M.T.M.E.: A Política Nacional de Educação Especial de 2008 é uma iniciativa direcionada exclusivamente a alunos com deficiência, transtornos do espectro do autismo e superdotação, altas habilidades. Mas a Constituição Brasileira preceitua o direito de TODOS os brasileiros à educação e, nesse sentido, a inclusão escolar não se reduz a essa população de alunos. Não se admite mais, neste país a exclusão de todo e qualquer aluno por motivos outros, como gênero, raça, cor, religião e quaisquer outras formas de discriminação/ diferenciação que exclui.

A.O.G.: *¿O que poderia ser o conhecimento chave que pode transformar os modos tradicionais de pesquisa e teorização sobre Educação Inclusiva?*

M.T.M.E.: As pesquisas que desenvolvemos no nosso grupo de pesquisas, o LEPED, que é pioneiro em estudos sobre inclusão no Brasil, estão fundamentadas na filosofia da diferença de Gilles Deleuze. Do nosso ponto de vista é essa interpretação transforma inteiramente os modos tradicionais de se interpretar e de se produzir teoria e prática inclusivas na escolar e fora dela.



Por essa fundamentação teórica consideramos e temos condições de argumentar sobre essa inovação educacional e social, em sua extensão mais plena – escolar para todos. Nem todos os estudiosos brasileiros se baseiam nessa vertente filosófica, daí coexistirem posições díspares sobre a inclusão por aqui.

Na perspectiva deleuziana, somos todos seres singulares, unívocos, que não se repetem, e que não cabem inteiramente em quaisquer categorias ou grupos identitários. A *diferença em si* não é quantitativa, empírica; os seres humanos tornam-se humanos estão em constante devir. Assim sendo, não há como comparar, diferenciar pessoas a partir de identificações, padrões pré-existentes e como representa-los, segundo um dado modelo. Nessa interpretação, portanto, a inclusão é plenamente explicada e assegurada.

A.O.G.: *¿Que diferenças podem ser observadas entre as condições teóricas e metodológicas da produção de Educação Inclusiva e Educação Especial?*

M.T.M.E.: Há muitas divergências. Os grupos mais alinhados à Educação Especial na sua maneira tradicional de se pensada e praticada nas escolas e na sociedade, continuam se baseando no Modelo Médico de explicitação dos casos e com isso adotam uma visão de diversidade e não de diferença para o entendimento da inclusão. Diversidade tem a ver com identidades definidas, fixadas, que reduzem as pessoas a categorias, conforme um dado atributo – uma condição, uma doença... São pessoas especiais, com necessidades especiais, que carregam esses estigmas e que são reconhecidas por uma única característica que lhes é imputada por especialistas, educadores e outros. A palavra diversidade é inapropriada quando se trata de incluir pessoas, por que a diversidade as captura dentro de um modelo, generalizando-as, definindo-as.

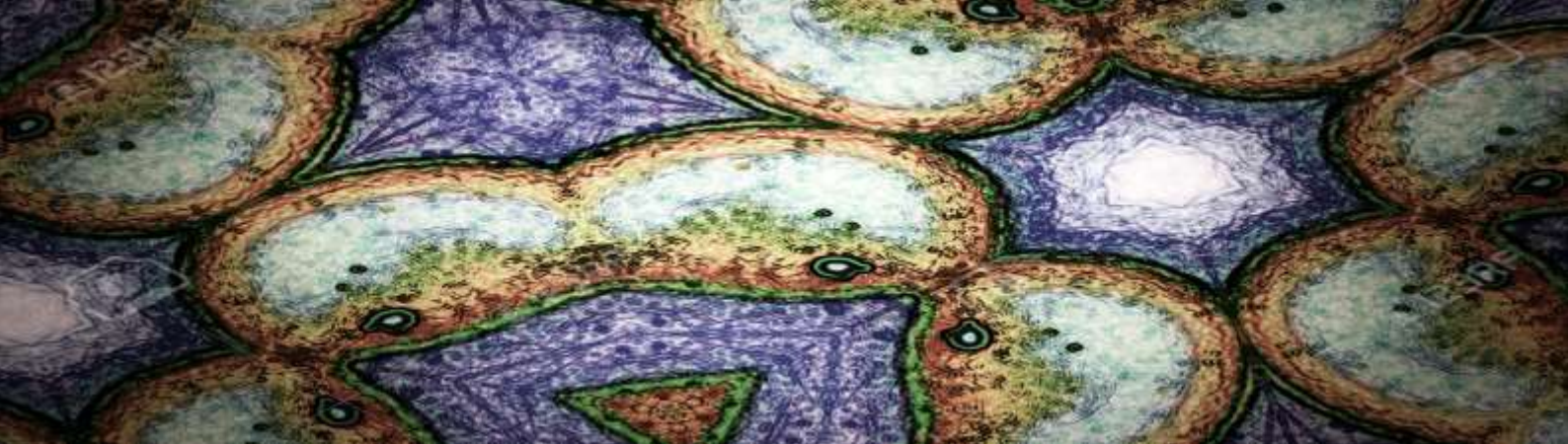
A Educação Inclusiva vai além da inserção de alunos da Educação Especial nas escolas comuns. Sua questão de fundo é a Diferença, como explicitada na resposta anterior. O Modelo Social é o adotado. Por esse modelo as barreiras para o acesso, permanência e participação de todos estão na sociedade. Em poucas palavras, são esses os pontos de divergência fundamentais.

A.O.G.: *¿Quais são os conhecimentos mais relevantes que permitem subverter a ordem dominante de exclusão em estruturas de educação e formação de educadores tem marginalizado e deixado de fora?*

M.T.M.E.: Como já foi explicitado anteriormente, do nosso ponto de vista, o Modelo Social e a compreensão da diferença em si são, os conhecimentos de base que permitem subverter a ordem predominante da exclusão no Brasil e em toda parte. Essa subversão é o nosso objetivo e estamos envidando todos os nossos esforços teóricos e práticos nessa direção. Somos praticamente o único grupo de estudos brasileiro que atuam com base na filosofia da diferença deleuziana e em suas implicações pedagógicas.

A.O.G.: *¿Quais são as tensões epistemológicas e pragmáticas mais comuns que partilham a Psicologia, Educação Especial e Educação Inclusiva?*

M.T.M.E.: As tensões estão muito presentes são de natureza teórica e estas se repercutem nas orientações sobre o ensino inclusivo e suas práticas. Existem ainda os que, fundamentados no Modelo Médico e na Diversidade propõem uma inclusão parcial, defendendo para alguns casos até a exclusão de alunos em escolas e classes especiais! Falta, no nosso ver, a esses profissionais uma atualização de conhecimentos, como a inclusão requer. Entram igualmente em cena o



corporativismo, o receio de perda de poder antes conferido à Educação Especial. Os psicopedagogos são profissionais que encaixam suas práticas nos mesmos moldes excludentes, pois definem os alunos a partir de posicionamentos teórico-metodológicos que se distanciam da diferença em si. Estão, na maioria das vezes, categorizando e rotulando os problemas de desenvolvimento e seus reflexos no desempenho dos alunos.

A.O.G.: *Quais são as fições epistemológicas e pedagógicas mais comuns que desenvolve o discurso atual da Educação Inclusiva?*

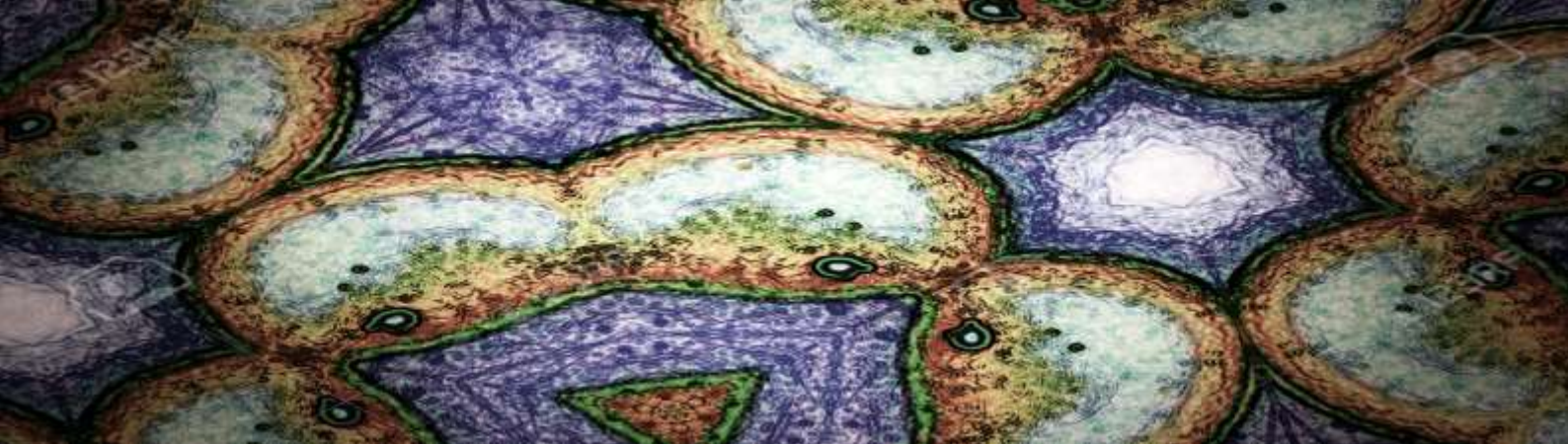
M.T.M.E.: Já respondemos anteriormente o que aqui está sendo focado. Em todo o caso, sempre é bom esclarecer que a sociedade e os pais de crianças bem novas têm defendido a diferença em si mesma, por detrás de um discurso e de uma atuação nas escolas, na sociedade que propõe os benefícios propiciados por uma educação inclusiva e pela garantia plena e irrestrita do direito de todos a estudar em ambientes educacionais inclusivos, fechamento de todas as escolas e classes especiais que ainda restam.

Quem defende a Educação Inclusiva atualmente é uma maioria esmagadora. Os que ainda restam são os pais de pessoas mais velhas, destruídas pelas escolas especiais, os dirigentes de instituições para atendimento de pessoas/alunos da Educação Especial, anterior à Política de 2008. No último censo de 2014 tivemos uma resposta que confirma a inclusão nas escolas brasileiras - 79% dos alunos da Educação especial estão matriculados em escolas comuns. Hoje, em 2017, temos muito mais alunos incluídos nas escolas comuns. O que nos falta é garantir um ensino renovado, compatível com a inclusão, nas nossas escolas e na formação inicial e continuada de professores da Educação Infantil ao Ensino Superior.

A.O.G.: *Que elementos superaria a imposição de epistemológico tradicional e modelo didático de educação especial para apoiar a educação inclusiva do ponto de vista epistemológico alternativa?*

M.T.M.E.: Do ponto de vista do modelo didático da Educação Especial, a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, contém os elementos para essa superação ao considerar a Educação Especial uma modalidade de ensino e não um sub-sistema educacional, como era antes. Como modalidade educacional, a Educação Especial passou a complementar a formação do aluno em todos os níveis e etapas de ensino – do básico ao superior. Antes da Política, a Educação Especial substituiu a educação comum para seus alunos, em escolas e classes especiais. Hoje, a inclusão em escolas comuns não permite essa substituição, mas mesmo assim os professores adaptam currículos, atividades, avaliações, de modo a torná-los mais facilitados limitados. Isso não pode ocorrer, pois implica diferenciar pela deficiência – que é crime de discriminação, no Brasil. Essa impossibilidade de se diferenciar pela deficiência vem da Convenção da Guatemala, do século passado, da qual o Brasil é signatário. Penso que muitos outros países da América Latina também assinaram essa Convenção.

A nossa Política também busca superar o modelo tradicional por um novo serviço da Educação Especial – o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que faz esse trabalho de complementação, a partir do estudo de caso de cada aluno da Educação Especial e de indicações de apoios e recursos de Tecnologia Assistiva para que os alunos possam ultrapassar as barreiras de comunicação, físicas de locomoção de orientação no espaço, mobiliário etc existentes no meio escolar, familiar. O profissional de AEE é um professor articulador, que faz a ponte entre as necessidades do aluno e serviços existentes dentro e fora da escola, para que essas barreiras sejam



vencidas pelo aluno, fazendo um trabalho intersetorial com a comunidade. O professor de AEE NÃO trabalha complementando o ensino de conteúdos curriculares, aprendizagens de sala de aula.

Do ponto de vista epistemológico, a superação ao nosso ver só ocorre com a diferença em si e o modelo social, no eixo da interpretação da inclusão.

A.O.G.: *¿Incluídos e excluídos quais são os vários grupos de estudantes objetos de Educação Inclusiva?*

M.T.M.E.: A inclusão escolar no Brasil não se reduz à inserção um grupo de alunos. Todos os alunos têm direito à estudar em ambientes educacionais para todos, sem quais quer limitações, por preceito constitucional. Mas temos apenas uma política educacional inclusiva para alunos da Educação Especial, desde 2008. Estamos engajados nessa luta.

A.O.G.: *¿Que elementos teóricos e / ou metodológicos definir o fabrico e o funcionamento da educação inclusiva para além das contribuições de Educação Especial para tratar de ensino?*

M.T.M.E.: Na minha concepção e na de meu grupo de pesquisa e conforme já respondi nas perguntas iniciais, esses elementos e o funcionamento da educação inclusiva estão contidos na interpretação dessa inovação no campo social educacional a partir da diferença em si deleuziana.

A.O.G.: *Interesantes aportes, profesora Mantoan, gracias por la oportunidad de dialogar con usted sobre estos tópicos.*

M.T.M.E.: Graças a você Aldo.